

Temporada 2023/2024 – *Um Chão Comum*

21 jun
a 6 jul
2024



© Patrícia Almeida

João Fiadeiro
INTROSPECTIVA:
Dar Corpo

CCB

JOÃO FIADEIRO INTROSPECTIVA

EXPOSIÇÃO *RESTOS, RASTROS E TRAÇOS*
CICLO DE PERFORMANCES *DAR CORPO*

20/06 – 22/09/2024



M

MAC/CCB

MAC/CCB – MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA

Aberto de terça a domingo, das 10h00 às 19h00 (última entrada às 18h30).

Praça do Império, Belém, Lisboa – Autocarro: 714, 727, 728, 729, 751 – Elétrico: 15E



ccb.pt/macccb
[@macccb.museu](https://www.instagram.com/macccb.museu)
[#macccb.museu](https://www.facebook.com/macccb.museu)

PROGRAMA

Self(ish)-Portrait

21 (18h) e 22 junho (21h)

Black Box

40 min.

M/6

I am sitting in a room different from the one you are in now

21 e 22 junho (19h)

Black Box

40 min.

M/6

Ça Va Explorer

23 junho (19h & 21h)

Pequeno Auditório

60 min.

M/6

From afar it was an island (De perto, uma pedra)

28 (19h), 29 e 30 (21h) junho

Black Box

60 min.

M/12

O que fazer daqui para trás

5 e 6 julho (19h)

Black Box

60 min.

M/12

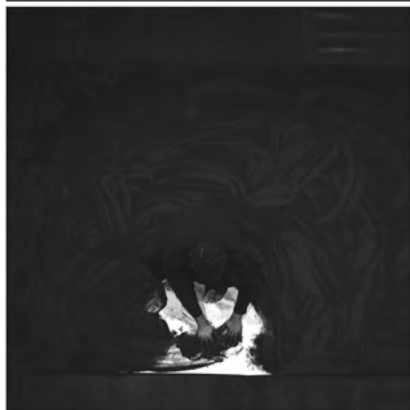
I Am Here

5 e 6 julho (21h)

Pequeno Auditório

60 min.

M/6



DAR CORPO

Em dança, a “passagem de testemunho” carrega uma dificuldade inerente à sua condição efémera. No caso da dança contemporânea, a questão complexifica-se ainda mais porque “cada corpo é um corpo”, singular e múltiplo ao mesmo tempo. E quando falamos de improvisação ou composição em tempo real, os processos de transmissão tornam-se ainda mais complexos. Aqui a transmissão não pode depender da passagem de uma imagem (de corpo), pelo simples facto dessa imagem não existir antes de aparecer, antes de acontecer, tarde demais para ser passado.

Como transmitir ferramentas que criem as condições para a possibilidade das imagens e não as imagens em si? Como transmitir ferramentas que reduzam a cisão entre processo e produto, ação e observação, memória e esquecimento. Como transmitir e estudar ferramentas a partir do “não-saber” juntos?

Com *DAR CORPO*, João Fiadeiro ambiciona refletir sobre o ato de transmissão do seu arqu(vi)vo material e imaterial, de forma direta, corpo a corpo, na ancestral tradição oral da aprendizagem.

À exceção das peças *O que fazer daqui para trás* (2015) e *I Am Here* (2003), que serão dançadas pelos elencos originais, os outros trabalhos presentes neste ciclo serão dançados por Andrei Bessa, Leonor Mendes, Bruno Brandolino, Vi Lattaque e Jorgette Dumby, jovens artistas que atravessaram, em algum momento, os *workshops* de João Fiadeiro, sobretudo os que este orienta nos cursos de formação do Forum Dança, onde é artista-investigador associado.

Direção artística: **João Fiadeiro**

Direção de produção: **Marta Moreira**

Direção técnica: **Leticia Skrycky**

Assistência de direção: **Bibi Dória**

Passagem e adaptação do Repertório: “I am sitting in a room different from the one you are in now” e “Self(ish)-Portrait” por **João Fiadeiro**; “From afar it was an island. De perto, uma pedra” por **Carolina Campos**; e “Ça Va Exploder” por **Daniel Pizamiglio**.

Interpretação e Performance: **Andrei Bessa, Leonor Mendes, Jorgette Dumby, Vi Lattaque e Bruno Brandolino**

Co-produção: CCB + MAC CCB

Projeto Financiado por República Portuguesa – Cultura / Direção-Geral das Artes

Apoios: Câmara Municipal de Lisboa – Polo Cultural das Gaivotas

Boavista – Loja Lisboa Cultura, Ricochete Filmes, Editora Ghost/David-Alexandre Guéniot, Editora Caixa Alta e Stolen Books, Culturgest



Self(ish)-Portrait

21 e 22 junho 2024

Sexta, 18h00

Sábado, 21h00

Black Box

«O tema deste trabalho refere-se novamente às preocupações que têm vindo a ser centrais neste coreógrafo: a solidão do ser humano, as suas incapacidades de comunicação e o processo de marcação do território na experiência da alteridade. Como pode um auto-retrato assim, com a intenção egoisticamente colocada no agir, revelar-nos os paradoxos da existência? Porque é de existir que este trabalho trata, da aniquilação por meio do que é dito e feito, da anulação do ser até ao grito. No fundo, ao expressar a angústia de viver tendo de carregar este paradoxo solipsista da comunicação (o da impossibilidade de partilhar com o outro o vivido subjetivo da nossa própria realidade), *Self(ish)-Portrait* é por isso, não um retrato egoísta, mas o retrato do desespero de toda a pessoa que na sua busca se descobre encerrada nesta condição.»

Ezequiel Santos

Estreado a 26 de maio de 1995 no Festival Danças na Cidade, Lisboa.

Ficha artística original:

Autoria e *performance* **João Fiadeiro**

Música original **Miguel Azguime**

Desenho de luz **Pedro Machado com João Fiadeiro**

Produção Executiva **RE.AL**

Versão *DAR CORPO*:

Interpretação **Andrei Bessa**

Adaptação de desenho de luz original **Leticia Skrycky**



© Jorge Gonçalves

I am sitting in a room different from the one you are in now

21 e 22 junho 2024

Sábado e Domingo, 19h00

Black Box

Na composição de Alvin Lucier, *I am sitting in a room* (1969), a sua voz que explica o mecanismo da obra é gravada analogicamente. Depois, esta gravação original é copiada para uma segunda versão. A segunda versão para uma terceira, a terceira para uma quarta e assim por diante. Este processo faz com que o ouvinte ouça o que parece ser uma cópia idêntica do mesmo texto, mas após a terceira ou quarta repetição torna-se claro que há uma pequena diferença de repetição para repetição, que lentamente transforma palavras em som e texto em música. Esta transformação lenta acontece porque, nas suas próprias palavras, «as frequências de ressonância da sala reforçam-se de modo que qualquer semelhança com o meu discurso, com exceção talvez do ritmo, seja destruída.» Continua dizendo que «o que vão ouvir são as frequências de ressonância naturais da sala, articuladas pelo discurso.» Este processo de lenta transformação do significado e da percepção está em perfeita sintonia com o interesse de João Fiadeiro pela relação entre repetição e diferença e pela forma como as expectativas iniciais são questionadas após uma observação atenta e cuidadosa. Esta obra inaugurou, de forma mais explícita, a influência da Composição em Tempo Real, uma ferramenta que Fiadeiro tinha começado a delinear pouco tempo antes da estreia desta peça.

Estreado em 1997 no Festival Nouvelle Danse em Montreal, Canadá.

Ficha artística original:

Conceito e performance **João Fiadeiro**

Musica *I am sitting in a room* de **Alvin Lucier**

Desenho de luz original **Pedro Machado**

a partir de uma ideia de **João Garcia Miguel**

Coprodução **Centro Cultural de Belém, Kunstlerhaus Mousonturm**

Produção Executiva **RE.AL**

Versão DAR CORPO:

Interpretação **Jorgette Dumby**

Adaptação de desenho de luz original **Leticia Skrycky**



Ça va exploser

23 junho 2024

Domingo, 19h00 e 21h00

Pequeno Auditório

- *Eu a fazer o que sempre faço... a «mecanizar» a coisa, a tentar clarificá-la, extraí-la da vida...*
- *E tu a fazer o que sempre fazes... dando-lhe vida, sujando-a, impedindo que se torne máquina.*
- *Talvez seja essa a história do nosso encontro: eu a tentar viver a vida e vocês a tentarem viver com a morte.*

Ça va exploser é a história de uma crise. A crise de um encontro. Com o outro, com nós mesmos, com o mundo. Na superfície tudo aparenta estar calmo... São tempos confusos. As coisas colidem, sobrepõem-se, atropelam-se. Aqui e ali sincronizam, partilham um plano comum. Mas parece que só o fazem para poderem confirmar a impossibilidade de continuidade. A iminência da explosão.

Ça va exploser utiliza o livro *Ma vie va changer*, de Patrícia Almeida e David-Alexandre Guéniot, como território de referência dramática. Usa como ponto de partida algumas perguntas que a publicação convoca. Qual o impacto das nossas vidas pessoais na macro escala do mundo? Que fio condutor liga uma decisão a nível mundial e um gesto íntimo de uma família? E, por fim, embora vivamos lado a lado, será que habitamos o mesmo mundo? A mesma crise?

Estreado a 6 de fevereiro de 2020 no Festival Salomon, em Barcelona.

Ficha artística original:

Conceito **João Fiadeiro e Carolina Campos**

Textos **João Fiadeiro, Carolina Campos e Leonardo Mouramateus**

Dramaturgia **Leonardo Mouramateus**

Espaço e luz **Leticia Skrycky**

Composição sonora **noid aka Arnold Haberl**

Assistente Artístico **Daniel Pizamiglio**

Produção executiva **Marta Moreira**

Coprodução **Teatro Viriato (Viseu), Teatro do Bairro Alto (Lisboa), TeatroRivoli/Festival DDD (Porto)**

Apoio financeiro **Fundação GDA (Portugal)**

Residências artísticas **Atelier Real (Lisboa) e La Caldera (Barcelona)**

Versão DAR CORPO:

Interpretação **Bruno Brandolino, Leonor Mendes e Vi Lattaque**



From afar it was an island. De perto, uma pedra

28 a 30 junho 2024

Sexta, 19h00

Sábado e Domingo, 21h00

Black Box

«*From afar it was an island* e *De perto, uma pedra* são coreografados com gestos armazenados pelo cinema, todo “escrito” com essas “palavras”, e com a tensão que é mantida no interior desses fragmentos. Um conjunto de mais de uma centena de filmes dos quais foram extraídas pessoas que se vestem, caminham, param, esperam, conversam... O *raccord*, próprio da linguagem cinematográfica, será o princípio capaz de articular relações entre esses gestos: alguém enche um copo de água na mesa da sua cozinha, CORTA, para outro alguém que derruba um copo de vodka no balcão de um bar. Na mesa de edição, o *raccord* que uniria esses dois gestos não esconderia o salto espacial e temporal que separa as duas cenas, que podem, inclusive, ser de dois filmes diferentes. No espaço teatral, no entanto, temos a unidade espacial e temporal da cena, e temos o corpo que se apropria e une as duas sequências, sem que possamos notar o instante exato em que uma cena acaba e outra começa. Os gestos acumulam-se, o futuro não é previsível e o passado não é escrito. Os gestos são contidos no presente da sua própria presença e, no entanto, continuam. Em *From afar it was an island (De perto, uma pedra)* o gesto fixado pelo cinema é possuído pelo fantasma do gesto da dança: o esquecimento.»

Leonardo Mouramateus

Ficha artística original:

Conceito e direção **João Fiadeiro**

Codireção **Leonardo Mouramateus e Carolina Campos**

Cocriadores **Adaline Anobile, Carolina Campos, Iván Haidar, Julián**

Pacomio, Nuno Lucas, Márcia Lança e Nuno Lucas

Desenho sonoro em tempo real **João Bento**

Desenho de luz e direção técnica **Leticia Skrycky**

Espaço cénico **João Fiadeiro e equipa a partir do espaço cénico de**

***From afar it was an island* de Nadia Lauro (cenografia), Gabriela Forman (figurinos) e Bruno Bogarim (objetos)**

Coprodução (*De perto, uma pedra*) **Temps d’Images / Duplacena; Atelier REAL**

Coprodução (*From afar it was an island*) **Alcantara; Festival DDD; Teatro Viriato; Teatro Avenida; Centre National de la Danse**

Apoio **Câmara Municipal de Lisboa/ Polo Cultural Gaivotas | Boavista**

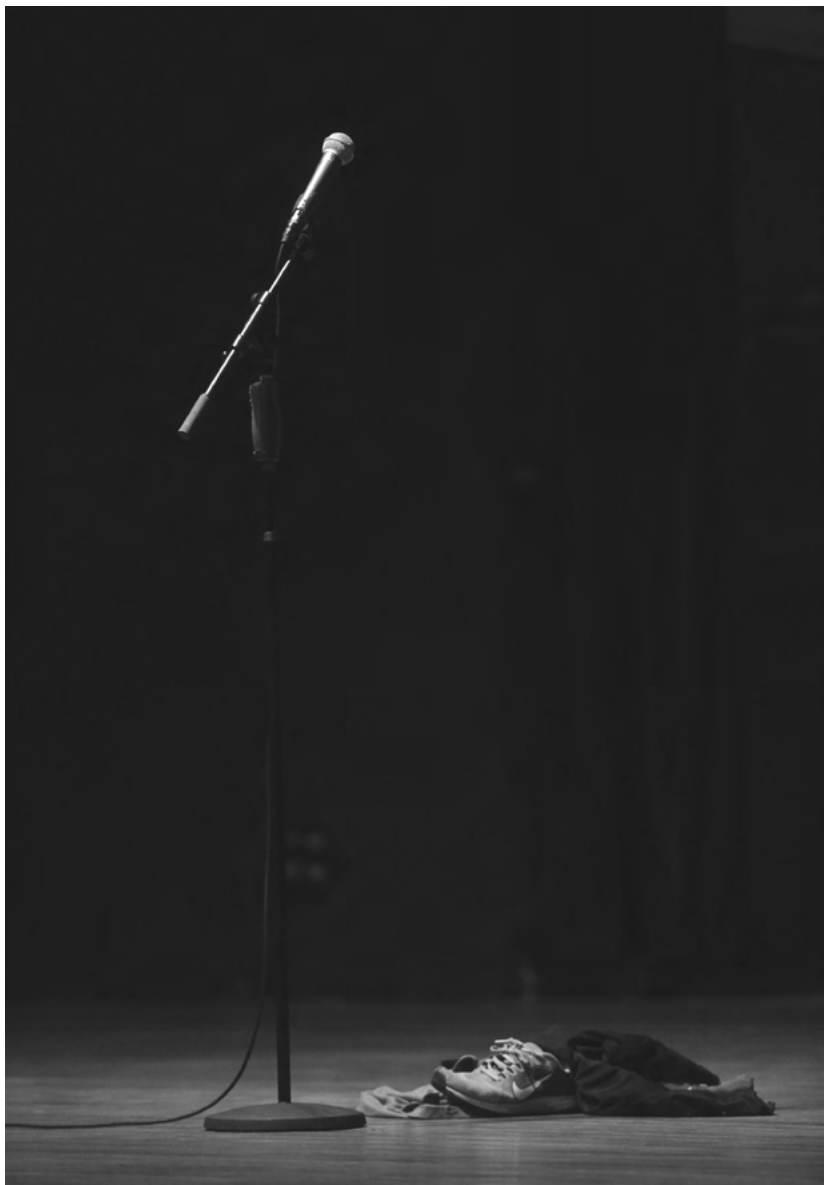
Residências artísticas **Atelier Real, Espaço Alcantara e Armazém 22**

Agradecimentos **Ethan Ocean Won, Annika Pannitto, Fabienne Wong, Kayde Anobile, Rita Quaglia, Ali Moini, Marta Morais, Jin Young Park, Konrad Kaniuk, Teatro Nacional São Carlos, Teatro Maria Matos**

From afar it was an island foi financiado pela DGArtes-Direção-Geral das Artes.

Versão **DAR CORPO**:

Interpretação **Andrei Bessa, Bruno Brandolino, Jorgette Dumby, Leonor Mendes, Vi Lattaque**



O que fazer daqui para trás

5 e 6 julho 2024

Sexta e Sábado, 19h00

Black Box

Em muitos dos objetos artísticos de João Fiadeiro, acabam sempre por emergir operações onde o tempo circular é percebido pelo observador através do desvendamento de um processo que não para de acontecer: a escrita retroativa de um passado que só se materializa depois de confirmado por uma ação futura. Dar a ver esse mecanismo, que geralmente passa despercebido pelo modo como tendemos a organizar os acontecimentos a partir de uma narrativa linear, tem sido um lugar de exploração privilegiada de Fiadeiro na grande maioria das suas peças.

Em *O que fazer daqui para trás*, João Fiadeiro explora o tempo – duracional, suspenso, intervalar – ao «mesmo tempo» que foca a sua atenção naquilo que fica, no que foi esquecido, no resto. O «resto» cria «vazio». E é a prova da ausência de uma presença. Ou melhor, é a presença de uma ausência. É no «resto» que vamos encontrar os traços e os rastos para darmos início à impossível tarefa de reconstruir o mundo, uma e outra vez. O resto é também o que está entre o corpo e «a presença do outro no corpo», uma fuga permanente para coisas que ainda não são, para o que as coisas podem.

O que fazer daqui para trás posiciona-se entre a dúvida e a possibilidade. Onde o não-dito é mais importante do que aquilo que se diz, onde a ausência se sobrepõe à presença e onde o drama não vem do teatro, mas daquilo que os corpos – dos *performers* e dos espectadores – podem (e têm, e trazem). A sombra indica-nos a presença da luz, o silêncio a presença do som e a ausência a presença do acontecido. Da sombra, do silêncio e da ausência, eis – para quem se pergunta – aquilo de que esta peça é feita.

Estreado a 11 de novembro de 2015 no Maria Matos Teatro Municipal, em Lisboa.

Ficha artística

Conceito e direção **João Fiadeiro**

Cocriação e *performance* **Adaline Anobile, Carolina Campos, Márcia Lança, Julian Pacomio, Ivan Haidar e Daniel Pizamiglio**

Desenho de luz original **Colin Legras**

Direção técnica e atualização de desenho de luz **Leticia Skrycky**

Produção **RE.AL (Lisboa)**

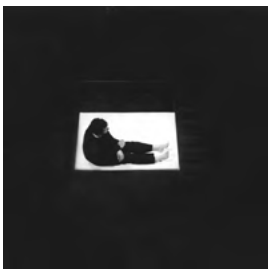
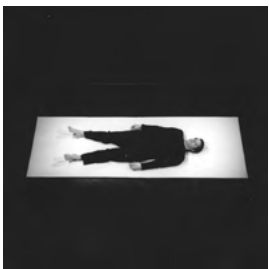
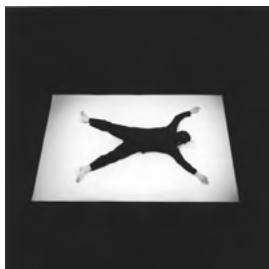
Coprodução **Maria Matos Teatro Municipal (Lisboa) / Teatro Municipal do Porto – Rivoli**

Apoio à internacionalização **Fundação Gulbenkian e Fundação GDA**

Apoio institucional **Câmara Municipal de Lisboa**

Residências artísticas **Arquipélago / Centro de Artes Contemporâneas (Açores),**

Santarcangelo Dei Teatri (Itália) e Atelier Real (Lisboa)



I Am Here

5 e 6 julho 2024

Sexta e Sábado, 21h00

Pequeno Auditório

«Partilho com Helena Almeida o desejo de permanecer na fronteira do visível e de espreitar a realidade de esguelha (como se não fosse eu). Sinto que a contenção e a precisão do seu trabalho, servem-me na perfeição para fazer o percurso inverso que a sua obra me sugere: desaparecer, permanecendo.»

João Fiadeiro, março de 2003

«A primeira vez que me apercebi da relação entre a realidade física e virtual, tinha 11 anos. Estava perdido nas ruas de Gibraltar e um casal de meia-idade britânico, igualmente desorientado, perguntou-me onde ficava uma rua qualquer. Atrapalhado por ter sido confundido com alguém da população local, e com a ajuda do famélico inglês que tinha aprendido no primeiro ano do preparatório, esquivei-me com a resposta “I am not here”.»

Este excerto pertence a um texto que encomendei a Rui Catalão em 1999, alguns anos antes de criar *I Am Here*. Esta pequena história nunca mais me saiu da cabeça, por descrever de forma tão perfeita o que sinto na minha relação com a minha «realidade física e virtual». Mais tarde, quando surgiu a oportunidade de criar um trabalho a partir da obra de Helena Almeida, pensei em lhe dar o título de *I am not here* e só não o fiz porque fui informado (pela própria Helena Almeida) que a série de imagens em que ela estava a trabalhar para a Bienal de Veneza daquele ano se chamaria *Eu estou aqui*. Achei essa coincidência tão forte que decidi deixar cair o «not» (um pouco como o Rui deixou cair o «from») e aceitar a «oferta» de título que me acabava de cair nos braços.

João Fiadeiro, maio de 2024

Estreado a 3 de março no Centro Pompidou, em Paris,
e a 12 de maio de 2004 no Centro Cultural de Belém, em Lisboa.

Ficha artística original:

Conceito e interpretação **João Fiadeiro**

Desenho de luz e vídeo **Daniel Demont** / Espaço cénico **Walter Lauterer**

Assistentes de ensaio **Tiago Guedes, João Galante e Ana Borralho**

Produção executiva **Sofia Campos**

Coprodução **RE.AL** / Centre National de la Danse / Centre Georges Pompidou_Les Spectacles Vivants / Fundação Calouste Gulbenkian / Délégation en France / Centro Cultural de Belém

Apoio **Centre Chorégraphique National de Montpellier Languedoc-Roussillon** e Centro Coreográfico de Montemor-o-Novo / Espaço do Tempo

Versão **DAR CORPO**:

Direção técnica e adaptação do desenho de luz **Leticia Skrycky**

Espaço cénico **Walter Lauterer** / Desenho de som **noid** aka **Arnold Haberl**



© João Fiadeiro / Rui Xavier / João Nunes / Bruno Gonçalves

João Fiadeiro.
INTROSPECTIVA: Restos Rastros e Traços

Exposição temporária até 22 setembro 2024

MAC/CCB

Piso -1

INTROSPECTIVA é uma retroprospetiva do corpo de (e no) trabalho de João Fiadeiro, que está a ter lugar nas galerias do MAC/CCB e nas salas do Centro de Espetáculos do CCB.

No Museu, o projeto ocupa três galerias e é composto por duas partes. Na primeira, entre 5 de maio e 2 de junho, teve como eixo curatorial o conceito de «estaleiro», onde a montagem da exposição esteve acessível aos visitantes e foi transformada em *happening* diário, com apresentações de dispositivos dramáticos e coreográficos, composições em tempo real e improvisações, *re-enactments*, aulas abertas e visitas guiadas.

Num segundo tempo, a partir de 20 de junho, abriu ao público a exposição *Restos, Rastros e Traços*, espalhada por 3 (+1) galerias do Museu de Arte Contemporânea:

Restos: *I Am (not) Here*, instalação que resulta de uma revisitação do espectáculo *I Am Here*, concebido a partir do imaginário e do corpo de trabalho da artista visual portuguesa Helena Almeida

Rastros: *body OFIAT work*; exposição com artefactos, textos, imagens e vídeos resultantes de diversas colaborações com pares de João Fiadeiro.

Traços: *[R]Existência*; instalação que acolhe o que *ficou para trás* das experiências e experimentações produzidas na fase «estaleiro» do evento

+1. Atelier *RE.AL*; é um espaço que reflecte a experiência de estudo e processo que esteve subjacente a todo o período «estaleiro».

Biografias

João Fiadeiro

João Fiadeiro pertence à geração de coreógrafos que emergiu no final dos anos 80, dando origem à Nova Dança Portuguesa. Enquanto artista posiciona-se no cruzamento entre performance, dança, artes visuais e teatro. Como investigador posiciona-se nas intersecções entre prática e teoria, arte e ciência, e vida e arte. Em 1990 fundou a Companhia RE.AL e entre 2004 e 2019 dirigiu o Atelier Real, espaço irónico da capital, que acolheu artistas-investigadores em residência e programa eventos transdisciplinares. No fim da década de 90 dá início à sistematização da Composição em Tempo Real, uma ferramenta teórica-prática de apoio à criação, à decisão e à colaboração, em torno da qual orbita toda a sua atividade enquanto artista e investigador. O arquivo do Atelier Real foi recentemente doado ao Museu Serralves, no Porto. É atualmente Artista Associado Residente do Forum Dança, em Lisboa.

+ info: www.joaofiadeiro.pt







APOIO INSTITUCIONAL



PARCEIRO INSTITUCIONAL



PARCEIRO MEDIA PARA
A TEMPORADA 2023/2024



COFINANCIADO POR



MECENAS MAC/CCB

PARCEIRO MULTIMÉDIA



APOIO À EXPOSIÇÃO:

